



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS

MARCELA DE OLIVEIRA MENDES COSTA

**O REPÓRTER NA ZONA DE CONFLITO:
O que leva jornalistas a cobrir guerra?**

BRASÍLIA

2014

MARCELA DE OLIVEIRA MENDES COSTA

**O repórter na zona de conflito:
O que leva jornalistas a cobrir guerra?**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Prof.^a Úrsula Betina Diesel

BRASÍLIA

2014

MARCELA DE OLIVEIRA MENDES COSTA

O repórter na zona de conflito:

O que leva jornalistas a cobrir guerra?

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Prof.^a Úrsula Betina Diesel

Brasília, maio de 2014

Banca examinadora:

Prof.^a Úrsula Betina Diesel

Orientadora

Prof.^o Sérgio Euclides

Examinador

Prof.^o Mario Souza

Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais, minha irmã e meu namorado, que sempre incentivaram as minhas conquistas e apoiaram os caminhos que escolhi. Aos meus amigos por caminharem comigo durante este processo de aprendizagem. Aos meus professores que me ensinaram tanto durante esses anos de estudo e sem os quais eu não seria capaz de chegar tão longe.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe que, dentre muitas outras coisas, me ensinou que tudo é possível com calma e dedicação. À minha irmã que, ao longo do nosso crescimento, me incentivou a ser uma pessoa melhor e a pensar de forma diferenciada. Ao meu namorado que, com uma paciência indescritível, me apoiou desde a decisão do tema até o último ponto final. E à minha cachorra que, em atos de companheirismo, ficou sentada ao meu lado por todas as horas dedicadas a este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo entender os motivos que levam jornalistas a fazer coberturas de conflitos armados que ocorrem ao redor do mundo. A ida à guerra põe em risco a saúde dos repórteres, física e mental, que vivem sob intenso estresse. Este estudo exploratório é composto por entrevista a três correspondentes de guerra, Samy Adghirni, Carlos Fino e Romoaldo de Souza, para revelar o processo da decisão de ir à guerra, o que acontece durante as coberturas e as consequências do pós-guerra.

Palavras-chave:Correspondente de guerra.Repórter de guerra.Jornalista.Zona de conflito.Guerra.Conflito armado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3ANÁLISE.....	23
3.1Os entrevistados.....	24
3.2 Oportunidade de ir à guerra.....	25
3.3 Riscos X Oportunidades.....	27
3.4 Importância do jornalista na guerra.....	28
3.5 Dever de ir à guerra.....	28
3.6 Guerra X Mídia.....	29
3.7 Preparação para a guerra.....	30
3.8 Ansiedade pré-guerra.....	31
3.9 A figura do <i>fixer</i>	32
3.10 Restrições na guerra.....	33
3.11 Consequências pós-guerra.....	34
3.12 Decisão de ir à guerra.....	35
3.13 O que leva jornalistas a cobrir guerra.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE.....	44

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, conflitos armados são relatados de forma constante nos veículos midiáticos. A sociedade, movida por uma incessante curiosidade, deseja ser informada em tempo real de tudo que está a acontecer no mundo. A chamada globalização usa o jornalismo para reassegurar as pessoas de que elas não estão perdendo nenhuma informação, sobre algum assunto.

Em situações conflituosas, a comunidade global assiste aos trabalhos dos correspondentes de guerra, inseridos nas zonas de conflitos com comoção e atenção. A decisão dos jornalistas de ir à guerra, por outro lado, é um vasto campo que, para o conhecimento da profissão, ainda deve ser muito explorado. Este trabalho busca entender os motivos que levam os repórteres a deixar o dia a dia na redação e o conforto de suas casas para adentrar o mundo dos países que vivem em guerra declarada.

As guerras estão presentes na História desde a criação do mundo e provavelmente vão permanecer até que se tenha alguém para contá-las. Essa é uma das justificativas da escolha do tema deste trabalho. Além disso, é importante que a figura do repórter de guerra seja lembrada, uma vez que sem eles as notícias seriam pouco confiáveis. O objetivo geral desta pesquisa é entender o que se passa na cabeça dos jornalistas no momento em que eles aceitam o convite de cobrir uma guerra e até que ponto essa decisão afeta suas vidas posteriormente.

Este estudo exploratório é composto por 3 entrevistas com correspondentes de guerra. O roteiro, previamente produzido, conta com 12 perguntas abertas, semiestruturadas, possibilitando um diálogo mais complexo com os entrevistados. A ordem das perguntas segue a cronologia da vida dos jornalistas. Primeiramente entende-se o contexto de trabalho em que eles estavam inseridos, o surgimento da oportunidade de ir à guerra e a experiência como um todo. Depois discorrem sobre a preparação pré-guerra, a decisão de ir e a projeção do que eles esperavam encontrar. Por fim, se as experiências valem a pena, os riscos reais desse tipo de cobertura e se fariam novamente.

Os repórteres que estão na guerra são difíceis de contatar, uma vez que o acesso deles à internet e telefone são limitados. Afim de minimizar este problema, dois entrevistados, o português Carlos Fino e o radialista Romoaldo de Souza, foram escolhidos por não estarem cobrindo guerra este ano e por residirem em Brasília, possibilitando a entrevista pessoalmente. O outro convidado foi o correspondente da Folha de S. Paulo no Irã, Samy Adghirni, que apesar de jovem, possui vasta experiência em conflitos armados. A fraca rede de internet no Irã impossibilitou a entrevista pela plataforma Skype, então foi procedido por telefone.

Os capítulos desta monografia estão separados em três partes. Com o objetivo de colocar o leitor a par das guerras do mundo e do trabalho do correspondente de guerra, o primeiro capítulo é de contextualização. Em seguida, para justificar este trabalho e dar subsídios para um entendimento do tema, vem o referencial teórico. Neste momento há definição de jornalismo e notícia, explica-se o capitalismo e a globalização nos conflitos e traça-se o perfil do correspondente de guerra. E para finalizar, a descrição das entrevistas separadas por temas que, de forma detalhada, formam a análise e a conclusão deste trabalho.

A abordagem desta monografia inclui a relação das etapas que inserem os jornalistas na guerra, desde a decisão de ir, percorrendo pela preparação intelectual, dos equipamentos e dos itens necessários a levar, o momento da chegada na guerra, como eles se sentem durante a guerra, até o momento de voltar para casa. A somatória de todos esses discursos aponta os objetivos específicos deste trabalho: entender a importância do jornalista na guerra, os motivos que o levam até lá, as decisões que ele precisa tomar durante essa cobertura, o que ele faz para ficar protegido, de que forma a guerra o afeta e, depois de enfrentar uma situação de calamidade, o que ele faz para se recuperar.

Os estudos brasileiros direcionados ao repórter de guerra são moderados e, de certa forma, pouco aprofundados. Existem publicados vários estudos de caso de coberturas de guerras específicas, mas não há nada relacionando jornalismo-guerra-jornalista. Que este seja o primeiro de vários outros estudos que possam – e devam surgir no futuro.

1 Contextualização

"A guerra deve ser entendida como um conflito armado real, intencional e difundido entre as comunidades políticas", de acordo com a Enciclopédia de Filosofia de Stanford. O autor do livro "On War", Carl Von Clausewitz, define guerra como "um ato de força para compelir nosso inimigo de fazer a nossa vontade" (p.89). As duas definições apontam para disputas entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos organizados, podendo ocorrer dentro de uma mesma nação, denominadas guerras civis. Diversos são os motivos que provocam guerras, disputa por territórios, questões religiosas, recursos naturais, e até mesmo a antiga busca por independência.

Uma lista publicada em 2014 pelo site Wars in the World aponta que atualmente mais de 14 países se encontram em estado de guerra, uns em pior intensidade que outros. É o caso do México, marcado pela luta do Exército Zapatista de Libertação Nacional, que controla o sul do país e acusa o governo do México de marginalizar a população pobre. A guerra civil Afegã, que acontece desde 1989, entre colapso do governo, disputa por poder e o período talibã. Os conflitos religiosos no país asiático Sri Lanka, em que desde 1980 os hinduístas lutam contra os budistas. A guerra entre os islâmicos e os cristãos na Nigéria, que desde 2009 tem sua fase mais violenta resultando em 3.600 vítimas em menos de três anos. A tentativa de tomada do poder de uma guerrilha em Serra Leoa que se estende por mais de 11 anos e foi marcado por massacres, uso massivo de crianças-soldados e tráfico de diamantes. A guerra entre árabes e israelenses que acontece desde o fim do século XIX, sendo um dos mais famosos conflitos do mundo. O movimento nacionalista pela independência do País Basco, região localizada no norte da Espanha e dominada pelo Pátria Basca e Liberdade. O grupo que desde 1992 luta pela criação de um Estado teocrático na Argélia. A região do Tibete controlada pela China desde 1950, onde mais de 1,2 milhão de tibetanos morreram tentando evitar a ocupação do país. A luta que se estende por 30 anos entre católicos e protestantes para unificação da religião na Irlanda do Norte. As divergências ligadas a questões religiosas, econômicas, territoriais e étnicas do Iraque envolto em conflitos com o Irã, Kuwait e Estados Unidos, em que mísseis e bombas já foram utilizados. A disputa pela região

ocupada por guerrilheiros das FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, que tem ligação com produção de drogas e narcotráfico. A Guerra Civil da Somália que começou em 1991 e tem causado a desestabilização de todo o país, com a fase atual do conflito entre o governo e as forças rebeldes. O conflito de Darfur, no oeste do Sudão, que opõe principalmente os janjawid - milicianos recrutados e os povos não-árabes da área. E o mais recente conflito, a Guerra Civil Síria que começou como uma série de grandes protestos populares em 2011 e progrediu para uma violenta revolta armada, influenciados por outros protestos simultâneos no mundo árabe.

Em um mundo efêmero e globalizado, os interesses sobressaem às vidas dos inocentes, e ameaças de guerra são utilizadas como vantagem, limitação e soberania de um país sobre o outro. Os visionários do blog Os Bastidores do Planeta publicaram um artigo em 2013 explicando que no futuro haverá conflitos por água, além de alimentos e até uma guerra cibernética. Dentro deste perigoso submundo estão os jornalistas, dispostos e instigados a mostrar os acontecimentos de lutas que, em maioria, se estendem por décadas. Com toda a certeza a profissão de correspondente de guerra sempre foi uma das mais perigosas, procurada apenas por corajosos predispostos a enfrentar situações de risco.

Um ar glamouroso acompanha a profissão de correspondente de guerra desde que o primeiro jornalista foi enviado a um campo de batalha. Em 1854, William Howard Russel¹, do jornal The Times, mandava seus despachos via telégrafo sobre a Guerra da Criméia. Um tempo depois, Euclides da Cunha² tornou-se o primeiro brasileiro correspondente a cobrir uma guerra, em 1897. Jornalista, poeta, escritor, romancista e professor, Euclides foi enviado pelo jornal Estado de S. Paulo para escrever uma série de reportagens e um livro sobre a Guerra de Canudos, luta por território entre o exército brasileiro e os integrantes de um movimento popular sócio-religioso no interior da Bahia. Durante a revolta, Euclides da Cunha teve contato com cidades destruídas, bombardeios constantes, falta de água e comida. Vivenciou por 18 dias o cenário de guerra, o que resultou no famoso livro “Os Sertões”.

¹ Conforme o site “Great Reporters” em que David Randall apresenta a atuação dos melhores jornalistas que já viveram.

Em artigos publicados em seu site, o jornalista e poeta Sérgio Mattos conta que a profissão de correspondente de guerra fortificou-se com a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais. Naquela época, arraigados por uma população comovida e carente por informações sobre os conflitos e certos de que as vendas dos jornais renderiam grandes lucros aos proprietários, os chamados “Barões da Imprensa” convenceram Horatio Herbert Kitchener, oficial do exército britânico, a aceitar um grupo de seis jornalistas para cobrir o *front* (frente do conflito) da Primeira Guerra Mundial. Esses seis correspondentes foram selecionados a dedo, para que o governo britânico pudesse submetê-los à censura preestabelecida. Os jornalistas foram alojados em locais seguros, e todos os dias eram levados a certos pontos da guerra previamente selecionados, sempre acompanhados de oficiais. Depois, voltavam ao hotel para escrever as matérias que passariam pelo crivo do governo. Na Grã-Bretanha foi criado um sistema de censura tão severo que seu legado estende-se até hoje. A aceitação dos proprietários de jornal trouxe-lhes status social e poder político. Mas também minou a confiança do público na imprensa.

Na época, inconformado com a produção jornalística mascarada pelas autoridades, o pioneiro William Russel fez pronunciamentos contra a censura que transformava a imprensa em contos para criança dormir³. Mas a censura não existia apenas na Inglaterra. No começo da guerra, os alemães também exerceram severa repressão ao não permitir que nenhum correspondente fosse ao *front*. Nessa época surgiu, também, o correspondente neutro, proveniente de países não envolvidos no conflito. A estes, eram permitidas coberturas no *front* e envio das reportagens sem averiguações.

Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, dois outros conflitos requisitaram os trabalhos dos correspondentes: a Guerra da Abissínia (1935-36) e a Guerra Civil Espanhola (1936-39). A profissão estava tomando forma e sendo cada vez mais requisitada⁴.

² De acordo com biografia publicada pelo site brasileiro Releituras.

³ Ainda de acordo com publicação do jornalista Sérgio Mattos.

⁴ Conforme explicam os professores do site InfoEscola.

Sabe-se que a visão que o público tinha da Primeira e da Segunda Guerra Mundial era completamente distorcida da realidade. No que se refere a imagens, elas eram imprecisas, e, muitas vezes, manipuladas. Diversas informações importantes foram encobertas e escondidas da população.

Na Inglaterra, o governo se preparou fortemente para as coberturas da imprensa na Segunda Guerra. Jornalistas foram vetados de produzir matérias, e outros foram obrigados a aprender os regulamentos a serem seguidos. Nenhum correspondente credenciado desafiou os censores e, apesar dos bombardeios e incêndios que ocorriam em Londres, a imprensa não os relatava, como também não registrava a relação dos prédios destruídos e a lista de vítimas⁵.

Nos Estados Unidos e no Japão, a censura era exercida na fonte. As informações indesejadas não chegavam aos jornalistas, bem como as coberturas do *front* realizadas apenas por jornalistas credenciados e que apresentavam os textos ao governo antes da publicação.

Passados os longos períodos de ditadura e censura em coberturas de guerra, o jornalismo desenvolveu-se, e a profissão de correspondente foi associada à imagem de jornalistas corajosos e, portanto, merecedores de credibilidade e respaldo pelos perigosos trabalhos exercidos. Trabalhar em zonas conflagradas para mostrar ao mundo as crueldades de um conflito armado é encarado pelos espectadores como um ato de amor à profissão, mas as dificuldades dos que estão no *front* rebatem a fama e a visibilidade dos jornalistas.

Na guerra do Iraque (2001), por exemplo, aqueles que arriscaram a vida para trazer as notícias da zona do conflito se tornaram também parte das notícias e estatísticas. Vários jornalistas foram feridos ou mesmo mortos durante o conflito⁶. De acordo com notícia publicada em 2005 no portal Terra, o jornalista free-lancer Steven Vincent foi baleado com 3 tiros no peito e morreu na cidade de Basra (Iraque). O seu tradutor iraquiano também foi baleado, mas não morreu.

⁵ Em explicação sobre a II Guerra Mundial do jornalista Sérgio Mattos.

⁶ Conforme publicação do site Click e Aprenda sobre correspondentes de guerra.

Outro exemplo é o jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro⁷, que, em 1968, enquanto cobria a Guerra do Vietnã para a revista Realidade, perdeu parte inferior da perna esquerda na explosão de uma mina vietcong. Na época, nenhuma companhia brasileira quis fazer seu seguro de vida, então fez em Londres. Pouco antes do acidente, três explosões de pequenas minas haviam acontecido. Seis homens da patrulha passaram antes de José no local em que a mina explodiu, mas só ele a pisou.

Um caso parecido aconteceu com o repórter sul africano João Silva. Em outubro de 2010 ficou gravemente ferido num acidente com uma mina no sul do Afeganistão. Devido à gravidade dos ferimentos, João teve de amputar as duas pernas. Segundo relatos da jornalista que estava com ele, Carlotta Gall, o cenário de guerra era tão surreal e desesperador, que Silva continuou fotografando mesmo enquanto estava ferido⁸.

A jornalista americana Marie Colvin e o fotógrafo francês Remi Ochlik foram atingidos por um ataque do regime de Bachar al-Assad ao centro de imprensa improvisado em Homs, em fevereiro de 2012. A cidade foi alvo de constantes bombardeios durante três semanas para a então tomada pelas forças sírias. De acordo com o depoimento dos jornalistas franceses Edith Bouvier e Williams Daniels, feridos no mesmo ataque, as bombas atingiram o local por volta das 6 horas. Os ativistas da oposição logo perceberam o perigo e pediram aos jornalistas que deixassem o local. Marie Colvin e Rémy Ochlik foram os primeiros a sair, no momento exato em que um foguete atingiu o local, e morreram na hora. O fotógrafo tinha apenas 28 anos. Pouco depois, um jovem rebelde ouviu a explosão de outra bomba, e manteve Williams e Edith dentro da casa. A bomba explodiu alguns segundos mais tarde em frente à construção. Atingida pelos destroços, Edith percebeu que não podia mais mexer a perna esquerda⁹.

⁷ De acordo com o site brasileiro Portal dos Jornalistas.

⁸ Publicado em 2012 por Helosa Araújo no site Resumo Fotográfico.

⁹ Conforme publicou o site IG no caderno mundo em 2012.

De acordo com uma reportagem publicada no portal do Estadão no caderno de assuntos internacionais em novembro de 2013:

Durante o conflito na Síria, pelo menos 30 jornalistas foram sequestrados ou desapareceram no país. Contudo, a ampla repressão contra os profissionais de comunicação não tem sido divulgada pelas empresas para ajudar nas negociações de libertação dos capturados.

O Comitê para a Proteção dos Jornalistas publicou em seu site que 52 foram mortos desde que a guerra civil na Síria começou no início de 2011. Em um relatório divulgado na mesma época, os Repórteres Sem Fronteiras citaram números mais altos, dizendo que pelo menos 60 "fornecedores de notícias" estavam presos e mais de 110 foram mortos.

Também em novembro do ano passado, o UOL Notícias publicou uma matéria confirmando o assassinato de dois jornalistas franceses que haviam sido sequestrados em Mali (África) por um grupo armado. Em buscas por "jornalista" e "guerra" em portais de notícias, é perceptível que dezenas de reportagens são publicadas por mês com notícias parecidas a essas.

As marcas das coberturas de guerra podem ir além dos ferimentos físicos. O site internacional Vice News, responsável por agrupar várias informações e notícias sobre guerras, invasões e protestos associados aos direitos humanos, publicou em janeiro de 2014 uma entrevista com o experiente correspondente de guerra Jack Picone. Desde 1990, ele cobre conflitos no Oriente Médio, Leste Europeu e África, onde presenciou o Genocídio de Ruanda em 1994, quando mais de um milhão de pessoas foram assassinadas. O site perguntou como ele faz para separar as emoções do trabalho, e ele então respondeu:

Os correspondentes de guerra existem numa escala entre aqueles que insistem que não são afetados e aqueles profundamente traumatizados pelos eventos. Os problemas emocionais vêm mais tarde, sugerindo que aqueles que dizem que isso não os afeta estão errados. Depois de Ruanda, fiquei num choque profundo. A ressaca emocional de ter testemunhado um genocídio não pode ser descrita. Eu disse a meus amigos que não tinha sido afetado pelo que vi, mas depois comecei a ter pesadelos que continuaram por oito anos. Eu me automediquei com álcool e drogas, o que só prolongou o problema. (Disponível no portal Vice News, com o nome "Vinte anos em zonas de guerra com Jack Picone").

O jornalista João Paulo Charleaux, entendido de política externa, escreveu em

seu site um artigo em 2011 dizendo que não é raro um correspondente de guerra sentir:

Insônia, irritabilidade, alterações de apetite, baixa libido, consumo excessivo de álcool, tabaco ou outras drogas, alterações gastrointestinais, pânico, sensação de culpa por haver sobrevivido a uma situação na qual outras pessoas perderam a vida. (Disponível no portal da UOL Última Instância, com o nome “Cobertura jornalística de conflitos armados: aspectos psicológicos”).

De acordo com ele, as sequelas físicas são mais reportadas pela mídia do que as psicológicas.

Apesar do perigo de se aproximar ao máximo da ação para produzir imagens, vídeos ou áudios, esse é um dos ramos mais bem sucedidos, no sentido de visibilidade, do jornalismo. Entre jornalistas experientes existem divergências se valem os riscos na cobertura de guerra.

Não se tem calculado exatamente quantos jornalistas estão hoje cobrindo conflitos armados. O Comitê de Proteção dos Jornalistas, pelo site cpj.org divulgou relatório apontando 70 jornalistas mortos em 2013 durante coberturas em guerras. Embora em 2012 tivessem morrido quatro jornalistas a mais, o Oriente Médio responde por dois terços das mortes em 2013.

A Síria permanece como o lugar mais mortal para o trabalho de correspondente de guerra. O portal G1 de notícias publicou em 15 de maio de 2014 que o número de jornalistas mortos na Síria, desde o início da guerra civil em março de 2011, chega a 150. Amatória também aponta que 9 jornalistas estrangeiros ainda estão desaparecidos. Além disso, 40 jornalistas ou autores de blogs sírios estão detidos pelo governo, de acordo com a ONG Repórteres Sem Fronteiras. As informações publicadas pelo G1 são do jornal The Times, que informa que um repórter e um fotógrafo do próprio jornal estariam se recuperando de ferimentos, após terem sido espancados e baleados durante a cobertura que faziam na Síria. (Disponível no portal G1 com o nome “Dois jornalistas são sequestrados, baleados e espancados na Síria”).

2 Referencial Teórico

Para uma profissão tão complexa, definir jornalismo é uma tarefa árdua. Qualquer tentativa parece um comentário simplório tentando resgatar a máxima que é o “fazer jornalístico”. Em seu livro, o autor Nelson Traquina diz: “Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de 'estórias', 'estórias' de vida, 'estórias' das estrelas, 'estórias' de triunfo e tragédia” (2005, p.21). Os conflitos armados, inseridos no contexto de tragédia, devem ser relatados conforme o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros define a prática profissional: publicando a realidade.

Ao longo dos séculos, as pessoas têm desejado ser informadas sobre os acontecimentos do mundo, usando o jornalismo para se manterem em dia com os fatos considerados relevantes a elas. Essa é a relação que o autor Vladimir Hudec faz da sociedade com a produção jornalística:

Jornalismo é um fenômeno, próprio apenas da cultura moderna, de tipo expressamente ideológico. [...] É uma tribuna para os seus pontos de vista políticos, é um dos mais importantes canais de propaganda de massa e participa efetivamente nas atividades sociais. (1981, p.36)

Do ponto de vista prático da definição, Hudec ainda afirma: “Por jornalismo entendemos conjuntos de materiais escritos ou impressos, falados ou visuais, que, de uma forma documental, descrevem a realidade social atual, especialmente a de importância universal” (1981, p.36). Ainda com base no legado de Vladimir Hudec, o jornalismo, por meio de reportagens, orienta e informa socialmente um público, formula e exprime diferentes opiniões, atitudes e ações sociais, por meio de um trabalho investigativo, de estudo e ensino.

E pensar que em séculos passados, pouco se sabia sobre o que de fato acontecia em outros continentes. A globalização¹⁰, integração econômica, social, política e cultural entre diferentes países, é o que desperta a vontade das pessoas de fazerem o uso dos portais de notícia, telejornais e programas de rádio, afim de que descubram os acontecimentos ao redor do mundo. Essa vontade pode ser

¹⁰Conforme explicado pelo site Brasil Escola.

provocada pelo impacto que as notícias têm na vida das pessoas. O autor Nelson Traquinacita o atentado de 11 de setembro no World Trade Center (EUA) para confirmar que uma notícia fez com que “muitas pessoas em muitos países do mundo largassem o que estavam a fazer e corressem para a televisão ou o rádio mais próximos para obter informação sobre o que estava a acontecer” (TRAQUINA, 2005, p.20). Uma notícia pode comover pessoas do mundo inteiro por diversos motivos, sendo um acontecimento trágico, uma queda na bolsa de valores ou a captura de um terrorista conhecido internacionalmente. A cobertura dos repórteres de guerra só é possível porque existe globalização.

O famoso ditado “When war is declared, truth is the first casualty” que traduzido ao português significa “em tempo de guerra, a primeira vítima é a verdade”, citado em 1928 por Arthur Ponsonby's, incita a importância do correspondente de guerra (de acordo com o jornal The Guardian). As informações transmitidas pelos países envolvidos no conflito armado são, em maioria, tendenciosas para o lado de cada um (como explica o correspondente de guerra Samy Adghirni no próximo capítulo). Faz-se então necessária a presença do jornalista no cenário de guerra. No livro “O que é jornalismo?” o autor Vladimir Hudec aponta aspectos característicos da profissão, como fidelidade à atualidade, universalidade, fatos, comprometimento de classe, publicidade, multiplicidade, periodicidade e rapidez. Alguns desses aspectos fazem parte da cobertura de guerra, como a atualidade- uma vez que as coberturas de guerra se atêm às novas informações, a universalidade- visto que o teor social é o que caracteriza a necessidade do repórter na guerra, a fidelidade aos fatos- que é imprescindível em qualquer cobertura, a publicidade- uma vez que o cenário de guerra movimenta dinheiro e a rapidez, pois a concorrência no jornalismo é alta, e “ganha” o que publicar primeiro.

Correspondente internacional, e em particular correspondente de guerra, é a mais cara de todas as funções de jornalista. É preciso deslocar o repórter, dar dinheiro suficiente para toda a cobertura, pagar a hospedagem e os gastos em geral e ainda disponibilizar um equipamento que funciona por satélite, caso o repórter não tenha acesso à internet. É também a que coloca mais problemas aos editores, uma vez que os enviados estão longe, em condições muitas vezes precárias e o chefe de

redação não tem, portanto, a mesma capacidade de controle que consegue exercer sobre os repórteres locais. Apesar da complexidade de enviar um jornalista para uma cobertura à distância, os principais veículos de comunicação apostam em mandar os correspondentes e enviados especiais para que eles possam vivenciar o que acontece em outros países e, portanto, relatar a notícia da forma mais verídica possível. Esses tipos de cobertura dão visibilidade, tanto ao jornal quanto ao jornalista, e credibilidade à informação.

O jornalista inglês Evelyn Waugh publicou um romance chamado *Furo*, (Companhia das Letras, 1989), em que conta os bastidores de um jornal. No decorrer da história, um personagem recomenda ao seu novo correspondente, quando este parte para a guerra, que há duas grandes regras preciosas para um correspondente: levar pouco e estar preparado. De acordo com as vivências do jornalista, o correspondente de guerra não pode ter nada que, em caso de emergência, não possa carregar nas próprias mãos.

Um perfil básico de um correspondente de guerra pode ser traçado de acordo com alguns afazeres do repórter. É certo que falar pelo menos dois idiomas, ter noção de política internacional e História, ser atencioso por onde passa, conhecer a cultura do país em que vai fazer a cobertura, ter desapego pelas coisas materiais que carrega e consciência da falta de estrutura no cenário de guerra são algumas das noções que os jornalistas precisam ter. O foco é se manter vivo, saudável e consciente. Além disso, é preciso autocontrole para aguentar tudo o que vai ser visto e ouvido. E nem com todos esses atributos há certeza de que o jornalista vai terminar a cobertura conforme planejado. É sabido que alguns dos jornalistas que foram feridos ou mortos em guerra tinha muita experiência na área.

Os episódios trágicos são um dos poucos acontecimentos sociais que ainda prendem a atenção do público. É curiosa a atração humana por desastres, dramas, atentados. E quanto mais enroladas essas histórias, melhor. Especialistas afirmam que a violência funciona como um conforto para o tédio do cotidiano, e acompanhar tragédias pela mídia já faz parte do hábito dos cidadãos do mundo. Esse fascínio por desastre surgiu na Grécia Antiga, quando Aristóteles teorizou que a tragédia resulta numa catarse da audiência e isto explicaria o motivo dos humanos apreciarem

assistir ao sofrimento dramatizado. O escritor, filósofo e semiótico italiano Umberto Eco já dizia “O prazer culpado de se deliciar com desastres faz parte da natureza humana”¹¹.

Ao incorporar essa apreciação do público na área da comunicação em 1965, Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge trouxeram o conceito de valor – notícia¹². Este, de forma subjetiva, determina a importância de um fato ou acontecimento a ser noticiado. As guerras são evidenciadas em todas as tipologias teorizadas por Galtung e Ruge, denominadas critérios de noticiabilidade:

- De acordo com o impacto, por exemplo. Geralmente em conflitos armados, o número de vítimas é expressivo. Quanto mais pessoas envolvidas no fato, maior a chance de ser noticiado, causando a amplitude da informação. Da mesma forma, as más notícias vendem mais do que as boas notícias. O critério negatividade comove e atrai o público.
- De acordo com a empatia da audiência, notícias relacionadas a países mais poderosos têm maior destaque do que notícias relativas a países de menor expressão política e econômica. Em circunstâncias de guerra, quando há atuação dos Estados Unidos, por exemplo, elas são amplamente noticiadas.
- E de acordo com o pragmatismo da cobertura midiática, a continuidade de uma notícia ganha espaço até que outras notícias mais importantes sejam detectadas. Em relatos de guerra, os fatos ficam notáveis por tempos consideráveis. Até que sejam explicados os contextos daquele conflito, o que está a acontecer no país e quais medidas serão adotadas para uma tentativa de solução do problema.

Por sua vez, os jornalistas dominados pelo dever e responsabilidade da profissão atuam em situações de extremo perigo para praticar o ato mais tradicional do jornalismo: ver para crer. O artigo 4º do II capítulo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros aponta: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no

¹¹ Como aponta o portal Globo em “Frases de autores”

¹² O site Wikipédia explicita todo o conceito de valor-notícia.

relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Para atuar na apuração, o jornalista precisa estar na guerra.

A repórter de guerra Marie Colvin, morta em 2012 aos 56 anos em um bombardeio na Síria, ao lado do fotógrafo francês Rémi Ochlik, tinha experiência, bom senso, *feeling* e informantes de sobra. Mesmo assim, existem publicações em que ela questiona se compensa o preço da profissão em vidas¹³. “Nossa missão é reportar esses horrores com exatidão e sem preconceito. Nós sempre devemos nos perguntar se o nível de risco vale a reportagem. O que é bravura e o que é bravata?”.

Antes de ir para a Síria, Marie Colvin perdeu um olho em Sri Lanka, quando percebeu um desastre humano não relatado. Um soldado soltou uma granada em direção a ela, que saiu com vida e reportou o acontecimento. Marie conta que um jornal na época publicou uma manchete questionando: “Desta vez Marie Colvin foi longe demais?”, e ela afirmou: “Minha resposta, na época e hoje, é que valeu a pena”¹⁴.

Os conflitos armados, por outro lado, não existem por conta da atração do público por infortúnios em outros países. Esses só dão o ibope. A guerra em si movimenta muito dinheiro. A indústria bélica é o comércio global que fabrica e vende armas e munições, equipamentos e tecnologia militar para as forças armadas de quase todas as nações. Os conflitos geram dinheiro e muito lucro com as chamadas corridas armamentistas (processo pelo qual um país busca armar-se)¹⁵.

Independente das causas dos conflitos, dos favorecimentos de alguns países, do lucro da indústria da guerra, da soberania de um país sobre o outro, quem sofre com essas decisões dos representantes dos Estados são as pessoas inocentes, que nunca são questionadas se querem estar presente em meio ao caos. Essas pessoas assistem as suas cidades se transformarem em lugares terríveis de viver. Correm

¹³ Conforme conta o jornalista Marcelo Ninio em seu blog na Folha de SP com a matéria “O Dilema do Repórter de Guerra”.

¹⁴ Ainda de acordo com Marcelo Ninio.

¹⁵ De acordo com o jornalista Emerson Santiago.

riscos diariamente, levam uma vida repleta de medo e indignações, e são caladas por barulhos de bombas, minas, explosivos e armas. E lá estão os jornalistas. Profissionais que escolheram estar ali. Profissionais que, uma vez no conflito, tem o dever de reportar o que está a acontecer com essas pessoas. Sofrendo os mesmos riscos, medos e indignações, mas nunca sendo calados.

3 Análise

Ao longo dos anos, muitos jornalistas fizeram carreira como correspondentes de guerra. Alguns se destacaram e ganharam o prêmio Pulitzer, como o repórter norte-americano Peter Arnett, por seu trabalho no Vietnã. Além dele, a britânica Kate Adie, o francês Olivier Weber, o inglês John Simpson e o brasileiro José Hamilton Ribeiro são repórteres de destaque em zonas de conflito¹⁶.

Para objeto de estudo deste trabalho, três jornalistas de conflitos armados foram convidados para externar suas opiniões e explicar o que acontece nos cenários de guerra. O jornalista Samy Adghirni é correspondente da Folha de S. Paulo no Irã. O repórter Carlos Fino foi primeiro a anunciar o bombardeio em Bagdá (Guerra do Iraque), e o radialista Romoaldo de Souza é especializado em zonas conflituosas.

As entrevistas foram baseadas em roteiros previamente estabelecidos, com tópicos a serem discutidos, mas com questões abertas, permitindo que novos assuntos surgissem ao longo da conversa, a chamada entrevista semi-estruturada. As entrevistas semi-estruturadas:

Permitem a obtenção de grande riqueza informativa – intensiva, holística e contextualizada – por serem dotadas de um estilo especialmente aberto.

Proporcionam ao entrevistador uma oportunidade de esclarecimentos, junto aos segmentos momentâneos de perguntas e respostas, possibilitando a inclusão de roteiros não previstos, sendo esse um marco de interação mais direta, personalizada, flexível e espontânea.

Cumprem um papel estratégico na previsão de erros, por ser uma técnica flexível, dirigida e econômica que prevê, antecipadamente, os enfoques, as hipóteses e outras orientações úteis para as reais circunstâncias da investigação, de acordo com a demanda do entrevistado, propiciando tempo para a preparação de outros instrumentos técnicos necessários para a realização, a contento, da entrevista (ROSA, 2006, p.87).

Em estudo exploratório, como é o caso deste trabalho de conclusão de curso, a entrevista semi-estruturada se faz de extrema importância, uma vez que os entrevistados são os principais agentes da pesquisa. A informalidade deste tipo de “conversa” permite aprofundar as pautas do objeto do estudo. É por meio dessa

¹⁶ De acordo com a publicação “Notáveis Correspondentes de Guerra” da ferramenta de pesquisa Wikipédia.

flexibilidade que se pode guiar o entrevistado pelo caminho pertinente e direcionar o tempo para relatos mais fundamentais.

A entrevista com o correspondente Samy Adghirni foi realizada no dia 17 de abril de 2014, às 9h30 horário de Brasília, por telefone. A entrevista por Skype não foi possível por falha na conexão. Ao total foram 1h e 10 minutos de conversa. No mesmo dia, às 19h00, o jornalista Romoaldo de Souza cedeu 42 minutos, na II Bienal do Livro e da Literatura, antes de acompanhar os seus alunos pela feira. Na outra semana, dia 22 de abril de 2014, às 15h, o português Carlos Fino contou suas experiências em 57 minutos de conversa no café Daniel Briand, quadra 104 da Asa Norte.

Os áudios das entrevistas foram gravados, permitindo posterior degravação da conversa. A seguir serão explorados os itens do roteiro de perguntas.

3.1 Os entrevistados

Figura 1 – Samy Adghirni



Arquivo pessoal

O jornalista brasileiro Samy Adghirni foi pela primeira vez à guerra aos 24 anos de idade. Hoje com 34 anos, solteiro, sem filhos, continua a cobrir conflitos armados sempre que a Folha de SP solicita. Para ele, a figura de correspondente de guerra não existe no Brasil. “No Brasil você tem profissionais como eu, como o Andrei Netto, que são pessoas que cobrem conflito de vez em quando. São pessoas que vão à guerra, mas cuja especialidade é outra”. Esse conceito desperta a necessidade de definir correspondente de guerra e enviado especial. “Correspondente é quem mora, eu sou correspondente da Folha no Irã. Mas quando eu vou à Síria, eu sou enviado especial”, explica Samy. Um jornalista que pode levar o rótulo de correspondente de guerra é o italiano Lorenzo Cremonesi, repórter do Corriere della Sera. “Eu convivi muito com o Lorenzo, e esse cara vai de uma guerra a outra. Ele viaja com uma mochila, passa quatro meses em uma guerra, vai para Milão, tira uma semana de folga, e volta para a guerra. Ele é

completamente louco, porque obviamente só vê desgraça o tempo inteiro, mas esse sim é um correspondente de guerra. No Brasil não existe essa figura”, afirma Samy.

Figura 2 - Carlos Fino

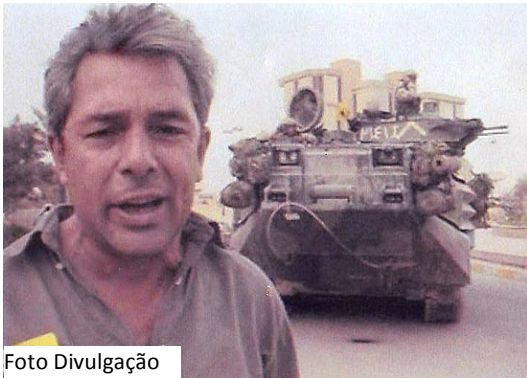


Foto Divulgação

O português Carlos Fino, atualmente com 66 anos, foi cobrir a primeira guerra no ano de 1991. Naquele momento já era casado e pai de dois filhos. Na época, em Portugal, não havia universidades que ofereciam o curso de Jornalismo, e por isso escolheu

Direito. Por não ter talento para a advocacia, largou a faculdade e começou a trabalhar em jornal. Aprendeu o Jornalismo na prática e deu início a sua carreira. Desde o começo de seu contato com a profissão, Carlos nunca pensou em ser correspondente de guerra. A sua origem é de uma zona do interior de Portugal muito tranquila, preservada e bonita. A guerra, então, nunca o seduziu.

Figura 3 - Romoaldo de Souza



Foto Divulgação

Direto de Carnaíba, no sertão de Pernambuco, o radialista Romoaldo de Souza sempre sonhou em trabalhar com conflito. Casado e com um filho, foi à guerra no ano 2000, aos 43 anos. Atualmente professor de Radiojornalismo na Faculdade Icesp Promove, ele se considera correspondente de conflito, e não somente de guerra. “Estive em outras situações tão conflituosas como, que foram mais difíceis de trabalhar, do que mesmo a guerra”, afirma. Formou-se em Jornalismo

há pouco tempo, apesar de sempre ter trabalhado na área. Desde criança dizia que gostaria de cobrir conflitos. E assim fez.

3.2 Oportunidade de ir à guerra

As oportunidades de ir à guerra vieram de diferentes formas para os três jornalistas.

No caso de Samy Adghirni, o primeiro contato com conflito foi de certa forma tranquilo. Uma delegação de deputados brasileiros foi visitar Yasser Arafat, na Palestina, em 2004. A fim de divulgar essa visita, os deputados abriram vagas para levar jornalistas dos principais veículos. Samy foi enviado pelo Correio Braziliense. “Obviamente eu fiquei com medo, nunca tinha visto tanque na rua, nunca tinha sentido a tensão de uma guerra”, conta. Ele cobriu a presença dos deputados, mas também foi à rua fazer suas próprias matérias. Neste momento começou a distinguir as armas, o que era uma metralhadora, fuzil de guerra, automática, helicóptero apache e até mesmo os exércitos de acordo com os uniformes dos soldados. A segunda guerra veio muito tempo depois (2009), quando ele já estava na Folha de SP.

O repórter Carlos Fino caracteriza a sua primeira presença na guerra como um imperativo categórico kantiano. Na época ele era correspondente em Moscou pela RTP – Rádio e Televisão de Portugal. Com o fim da União Soviética diversos conflitos começaram a desdobrar-se na Rússia. “Se eu era correspondente em Moscou e à minha volta estava a ocorrer essas guerras, eu não tinha como não ir”, explica Carlos. A primeira cidade que cobriu foi a antiga Geórgia Soviética. “O primeiro contato que tive com essa guerra foi no próprio aeroporto. Apareceu um avião vindo da Andahazi, essa região da Geórgia, já com pessoas refugiadas. E eu recordei perfeitamente, mães com filhos, gente machucada, e ao mesmo tempo os aviões decolavam com as tropas russas, polícias e força armada para intervir no conflito. E assim me lembro de estar horas no aeroporto pensando em ir ou não. Tenho que ir e fui”, conta Fino.

A oportunidade surgiu para Romoaldo quando ele trabalhava na RCR – Rede Católica de Rádio, apesar de não ser religioso. Ela já havia trabalhado em uma organização chamada Cáritas, entidade de promoção e atuação social. Por meio dessa organização ele foi ao Chile, durante o terremoto em 1985. E nessa época se interessou bastante em trabalhar em situações caóticas. Por meio dessa entidade viajou para cobrir o Timor Leste, onde ficou 7 meses. Foi a única vez em que cobriu uma guerra. “Sinto que ajudo mais as pessoas quando faço trabalho humanitário em

locais que sofreram desastres naturais, por isso reuni esforços para ir ao Haiti em 2010. Durante minha cobertura no Timor Leste não senti que estava fazendo a diferença. Rádio é diferente de televisão. Por mais envolvente e apaixonante, é um veículo considerado de segunda ou terceira categoria. Os meus contatos na guerra combinavam de falar comigo, mas quando chegava um veículo com câmera eles desapareciam. É como se meu trabalho fosse esvaziado. Por isso só cobri essa guerra”, explica Romoaldo.

3.3 Riscos X Oportunidades

A forma de avaliar os riscos e a oportunidade de cobrir um conflito armado se assemelha entre os entrevistados. Eles afirmam que o ideal é não parar para refletir sobre isso. “O negócio é não pensar muito. Tem que focar no trabalho. Na hora que vem a passagem e é hora de ir dá um frio na barriga, mas não pode voltar atrás. Você não pode ligar pro jornal e falar que está com medo, pega muito mal. Se escolheu ir, então vai”, afirma Samy. E mais, “Todo jornalista tem algo idealista, romântico até, senão não faria essa profissão. É arriscado, mas é uma aposta que você faz”, conclui.

O português Carlos Fino não julgou o convite como oportunidade. Por estar envolto em uma série de conflitos armados com o fim da União Soviética, se sentiu no dever profissional de cobrir esses locais. Dever que ele afirma ser absoluto. “É como se eu fosse correspondente da RTP em Brasília e não cobrisse os ônibus sendo queimados em São Paulo e as favelas no Rio de Janeiro. Ir é crédito para o correspondente. Tenho colegas que estavam próximos aos cenários de conflitos, mas que não iam nos locais considerados perigosos. Diziam que não eram pagos para correr esse risco. É uma escolha que você faz, e depois se acerta com a redação. Não ir é um sinal de menos na carreira de correspondente”, conta Carlos.

Por outro lado, o radialista Romoaldo de Souza sempre avalia a oportunidade, nunca o risco. “Até hoje eu não meço os riscos. Avalio se vai ser bom ou não para mim, se eu vou aprender alguma coisa, se eu vou contribuir com a situação de risco.

Se sim, eu vou. Se não, não. Sempre pondero a oportunidade, o risco nem passa pela minha cabeça”, afirma Romoaldo.

3.4 Importância do Jornalista na Guerra

A presença do jornalista na guerra é indiscutível para os três repórteres. Nada substitui a vivência do correspondente na zona de conflito. “Você pode imaginar a diferença entre amar e amar pela internet. É ser ou não ser”, aponta Carlos Fino. “Do ponto de visto teórico o nosso produto já não é a realidade em si, é uma representação da realidade. Quanto mais longe estiver da realidade, mais distante está da notícia. Há um sentir da realidade que só o repórter no local consegue transmitir”, finaliza Carlos.

Para Romoaldo Souza o diferencial é falar de acontecimentos que o jornalista está presenciando. “Assista a uma partida de futebol em que o narrador está no estúdio, vendo pela televisão e narrando o jogo. A emoção e o sentimento que ele transmite pro ouvinte é diferente do que se estivesse no estádio, ponto”.

Ao resumir, Samy Adghirni aponta: “Estar lá faz total diferença. Em uma guerra a informação é pouco confiável. Todo mundo que te passa informação e é a sua fonte tem algum tipo de interesse. Se estando lá já é difícil não ser manipulado, imagina se não estiver?”, questiona.

3.5 Dever de ir à guerra

Assim como em outros questionamentos, é unânime a concordância de que não é um dever do jornalista ir à guerra. O radialista Romoaldo de Souza é categórico em dizer, “Dever? Lógico que não!”. Um pouco mais explicativo, o jornalista Carlos Fino afirma, “Não podemos absolutizar. Cada um deve avaliar os riscos e perigos, mas não como um dever. É uma questão muito privada de cada um. Eu, por exemplo, me senti no dever, porque estava no meio da guerra. Mas tenho colegas que não pensam assim”.

O jornalista Samy é ainda mais abrangente. “Ser jornalista não significa necessariamente ir aonde te mandam. O jornalismo é legal por isso. Existem perfis diferentes, pessoas diferentes. Nem todo mundo tem vocação e disposição para enfrentar uma guerra. Mas alguém vai ter que ter essa vontade. Guerras fazem parte do mundo e precisamos contar o que está acontecendo. Se você entende o jornalismo como uma atividade imprescindível no mundo, então você tem que ir. Mesmo que seja um conflito remoto e que não tenha impacto no Brasil”, aposta.

3.6 Guerra X Mídia

Ao abordar as questões do jornalista na guerra, surgiu uma discussão sobre o jornalismo de guerra como uma atividade em extinção. O repórter Samy Adghirni iniciou o assunto dizendo que essa é uma atividade cara. “Você não vai vender mais jornal, não vai ter mais audiência e nem vai aumentar o número de assinantes da TV a cabo porque enviou um jornalista para a guerra. Isso é uma triste realidade”, aponta Samy. E mais. “O *business model* do mundo inteiro está em crise, e os recursos estão cada vez mais escassos. Hoje em dia a mídia está tentando sobreviver. Há pouco investimento e apostas estratégicas. Não podemos esquecer que o jornalismo é uma atividade empresarial. Então há uma hesitação cada vez maior por parte das empresas em investir nessas coberturas. Dois exemplos muito simples. Em 2011 quando começaram as chamadas Primaveras Árabes, eu fiquei parado na fronteira entre a Tunísia e a Líbia, e junto comigo tinham vários jornalistas tentando entrar na guerra. Tinha repórter do Zero Hora, Record, Folha, Estadão, Globo, todo mundo. Embora todos fossem concorrentes, eu estava feliz de ver tanto brasileiro, de saber que os patrões da imprensa ainda estavam apostando. Em 2013, junho do ano passado, teve aqui no Irã uma eleição super importante. Era o fim da era Ahmadinejad, momento super tenso entre a relação do Irã e os Estados Unidos, etc etc, e sabe quantos brasileiros vieram cobrir a eleição? Nenhum. Eu só cobri porque moro aqui. E não vieram não é porque não conseguiram vir. Não vieram porque fizeram a aposta de não mandar os jornalistas. E eu temo que essa tendência se acirre, e que as empresas fiquem cada vez mais relutantes em enviar repórteres, sejam para a guerra ou coberturas diplomáticas no geral”, declara Samy.

Para o português Carlos Fino a figura do correspondente de guerra não está diminuindo. “O que houve é que nos últimos anos, 10, 15 anos, desencadeou um período de crise nos jornais, na imprensa, na mídia, por causa das novas tecnologias e das funções neoliberais que são sempre de cortar despesas. As reportagens são caras, dedica-se tempo, dinheiro, checa fontes. Houve um corte drástico nos correspondentes em geral. Mas está melhorando. Quando o conflito é sério acredito que eles continuam a mandar os repórteres”, afirma.

3.7Preparação para a guerra

O que se acredita é que os jornalistas façam algum tipo de preparação antes de ir à primeira guerra. Entretanto o único que, de certa forma, se preparou foi o radialista Romoaldo de Souza. “Fiz um treinamento ligado à embaixada de Israel, mas foi muito superficial. A sorte é que eu já tinha alguma noção. Aos 18 anos fui para a aeronáutica aprender a atirar. Então eu sabia me portar, onde me posicionar e também sobre armas e tiros”, conta Souza.

Tanto o repórter Carlos Fino como Samy Adghirni aprenderam com a vivência e experiências. “Durante a Guerra do Golfo, que foi muito aterrorizada pelos Estados Unidos, as forças militares deram uns cursos, porque cultivou a ideia de que teria arma de destruição maciça. Ensinaam a se proteger com máscara. Mas na realidade não é assim né?! Se uma bomba com efeitos brutais explode em Taguatinga, por exemplo, você vai se preparar como? Minha carreira foi toda ao contrário do que deveria ser. Costumo dizer que fui general sem nunca ter sido soldado. Então fui a guerra sem qualquer aprendizagem. Mas o ideal é sim aprender. Hoje em dia penso que fiz errado, assumi riscos desnecessários. Tenho colegas que foram para a guerra despreparados e se deram mal”, conta Carlos.

A preparação de Samy foi, de acordo com ele, intelectual e psicológica. “Eu sempre me interessei por conflitos, principalmente pelo Oriente Médio, então eu sempre li muitos livros. Acho que a bagagem teórica é indispensável. Não basta ser um super repórter, guerrilheiro, que sabe improvisar em situações adversas, se você não tiver cultura para entender o que está acontecendo. Não adianta você chegar

como enviado especial na Líbia, se não sabe o mínimo da história da Líbia. Não precisa estudar a Líbia no século V. Mas precisa saber que foi colônia italiana, que teve derrubada do ex-líder, que tem uma das maiores reservas de petróleo. A preparação física também pode acontecer. A ONU e a Cruz Vermelha dão cursos no Rio de Janeiro para repórteres que vão à guerra. E apoio fortemente que façam. Eu, por um acaso, não fiz. E eu insisto, leia! Leia para entender o que se trata”, explicita.

3.8 Ansiedade pré-guerra

Os correspondentes nunca perderam muito tempo e nem muita energia tentando mentalizar os conflitos, imaginar como seriam. “Não adianta você tentar fazer uma projeção, porque ao chegar no lugar, a coisa é sempre muito diferente. O negócio é preparar a logística. Você precisa se organizar para ir à guerra. Isso significa pegar a quantidade de dinheiro necessário, fazer o cálculo, porque obviamente você não vai passar o seu cartão de crédito na guerra. Precisa averiguar se o local é quente ou frio. Na guerra da Líbia fazia 45 graus, no Afeganistão é montanhoso, então é frio, são roupas diferentes para levar. Tem também o equipamento. Vai ter possibilidade de usar a internet? Se sim, ótimo. Se não, a viagem vai sair mais cara, porque precisa levar o equipamento que funciona por satélite, onde cada minuto são 15 reais. Essa preparação sim é indispensável. Muito mais do que ficar imaginando o que vai encontrar lá na guerra”, declara Samy.

O jornalista Carlos Fino não imaginou nada em concreto. “Eu só sabia que seria muito perigoso, avalei, lidei e dialoguei com o meu medo. Mas a ponto de quase não ir. O sentido de responsabilidade profissional se formou maior que o meu medo. Lembro de fazer uma gravação no meio da rua com as pernas tremendo, com aviões passando por cima e tanques passando ao lado. Fiz muita imprudência. Fiz outra gravação em cima de um ponte que estava sendo bombardeada, só para mostrar, correndo riscos desnecessários. Hoje, provavelmente, faria diferente”, conta Carlos.

O radialista Romoaldo de Souza diz ter imaginado muito pouco. “Não criei expectativas. Não foi uma coisa meticulosamente pensada. Muito pelo contrário, eu simplesmente fui”.

3.9A figura do “fixer”

Muitas vezes o que faz a diferença em coberturas de guerra é quem os jornalistas contratam localmente para ajudá-los. Existe essa figura, chamada *fixer*, que funciona como guia, tradutor, motorista, arranja entrevistas, prepara os papeis para a chegada do jornalista, incluindo visto. Resumindo: tenta facilitar a vida do repórter de guerra. “Um *fixer* bom custa caro. Esse é um dos motivos dos quais coberturas em zona de conflito se tornam caras. Um *fixer* que eu estou prestes a trabalhar em Bagdá está pedindo 600 dólares por dia, se a cobertura é de uma semana, sai caro. Fora que pagamos a gasolina do carro dele, comida e despesas em geral. Mas um *fixer* bom resolve a sua vida. Claro que tudo tem que ser combinado antes de você chegar lá. Quanto mais guerras você cobre, mais gente você conhece. Então trocamos contatos de *fixers*. Enfim, o *fixer* é uma pessoa predominante, figura fantástica que vai determinar se a sua cobertura vai ser boa ou não. As vezes o *fixer* é tão bom, e eu falo isso sem o menor pudor, que o seu trabalho fica fácil”, explica Samy Adghirni.

O cuidado em contratar o *fixer* precisa ser redobrado, uma vez que essa própria pessoa pode tentar manipular a cobertura. O *fixer* precisa estar isento no conflito, não pode estar relacionado com o governo e nem com rebeldes. A confiança, errônea, do jornalista Carlos Fino no *fixer* em Bagdá resultou em um sequestro. “Eu, juntamente com o cinegrafista e uma jornalista da Bulgária fomos sequestrados nos últimos dias de cobertura, quando o regime de Saddam já estava a se desfazer. O intérprete nos levou para um local, e assim que fomos apanhados ele desapareceu. Existiam dois grupos neste momento no Iraque. O que restava do governo e outros grupos que saíram do controle e se transformaram em bandidagem. Fomos assaltados por um desses grupos, mas logo fomos pegos pela

estrutura que ainda restava do regime iraquiano. Era como se a polícia militar te tirasse de um traficante do Rio de Janeiro. A polícia iraquiana conteve a massa que queria nos linchar. Ficamos horas retidos, para então um oficial nos liberar sem que a massa percebesse”, conta Carlos Fino.

3.10 Restrições na guerra

As restrições sofridas pelos três correspondentes de guerra vieram por todos os segmentos. É inegável da parte deles que existem locais proibidos, tentativas de manipulação e pessoas tentando dificultar a atuação deles na zona de conflito.

Na Guerra do Iraque, por exemplo, debateu-se muito sobre a questão dos jornalistas serem obrigados a assinar um documento concordando com as restrições e avisando onde iriam, além de seguir as tropas obrigatoriamente. O Carlos Fino passou por isso. “O regime ainda eram controlado por Saddam e muitas coisas não queriam que fizéssemos. Isso inclui coisas simples, como filmar a rua e Ministérios. Havia polícia disfarçada, e éramos obrigados a recrutar tradutores que o governo propunha. Os motoristas também era ligados aos regimes. E eles sabiam que nós sabíamos”, explica Fino.

“É restrição por todo lado”, afirma Adghirni. “Para começar temos restrição financeira. Você chega na Líbia e só tem um *fixer* para todo mundo. O cara diz que se não botar 1000 dólares na mão dele, ele não leva para tal lugar. E aí você é brasileiro tupiniquim, olha para sua carteira e tem 3000 dólares para terminar a cobertura. Você não vai sacrificar 1000 dólares por uma pauta. Temos também limitação técnica. Às vezes você está sem o aparelho satelital, não tem como enviar a matéria. Ou às vezes você tem o aparelho, e um jornalista da Bulgária, por exemplo, está desesperado e ele só quer que você empreste o equipamento por 30 segundos para ele colocar o pen drive e enviar a matéria, então esse cara tem uma limitação. Temos restrição física também. Uma vez fiquei doente no Uzbequistão, achei que fosse morrer. Peguei uma infecção intestinal. Não tinha médico, não tinha comida, olha, muita reza viu?! E claro, restrições de segurança. Na Síria tem lugar

que não dá para ir. Se você está pelo governo, e se aproxima de área sob o domínio dos rebeldes, você pode morrer facilmente. É restrição sem fim, poderia passar a noite falando”, conta Samy.

A situação enfrentada por Romoaldo foi ainda mais complicada de resolver. No Timor Leste, ele teve a sua base (local em que dorme, escreve e envia as matérias) destruída. “Estava em Díli, hospedado na casa de um contato. E a casa foi queimada. Não tem como saber ao certo o que aconteceu. Eu tive que me virar e não foi fácil. A informação era de que nessa cidade falavam português. Cheguei lá achando que todo mundo falava português. E na verdade ninguém fala nossa língua. Tínhamos restrições de segurança também. O conflito do Timor Leste era com a Indonésia. Qualquer pessoa que não fosse indonésio era adversário. E as pessoas que falavam nos plebiscitos, falavam a favor do Timor Leste. Mas quem falava a favor da Timor Leste era perseguido pelas milícias da Indonésia, então tinha que tomar muito cuidado com quem eu falava, de que forma, aonde, e tudo se transforma em restrição”, explica Souza.

3.11 Consequências pós-guerra

Entre os entrevistados, nenhum ficou com sequelas físicas depois das guerras. Sequelas emocionais e psicológicas foram percebidas pelos jornalistas, mas nenhuma em escala grave.

O radialista Romoaldo de Souza afirmou que é preciso fazer o ouvido reaprender a ouvir. “Muito estresse e barulho intenso o tempo inteiro. E isso causa sofrimento ao ouvido. É como se eu voltasse de uma festa *rave* e precisasse ouvir as coisas do dia a dia. Fiz terapia por três meses em uma escola paulista. Depois coloquei minha vida em dia”, conta.

O jornalista Carlos Fino conta que não prestou atenção nos efeitos colaterais. “Talvez dormir foi o mais problemático depois de muito tempo em guerra. Mas isso não era o centro das minhas preocupações. A tendência da memória é seletiva, tentamos esquecer as coisas ruins. Por outro lado, se a vida não tivesse conspirado para me afastar desse cálice, não sei se iria encarar esse cálice durante muito mais

tempo. Diria que *enough is enough*”, finaliza Carlos, que hoje não faz mais coberturas de conflito.

O correspondente Samy acredita que sabe lidar com o que ele presencia. “Já vi coisas absolutamente pavorosas. Criança queimada, corpo todo quebrado. No hospital em um quarto tinha uma criança toda machucada, no quarto ao lado a mãe da criança estava morrendo e o pai já tinha morrido. E aí a criança está te olhando com um ar de tristeza e você não pode contar para ela. Olha, é muito difícil viu. Sou humano, sofro e me emociono, mas não posso desabar. Tem que terminar a cobertura. Você não pode se envolver com as fontes. O curioso é que na hora da guerra, meu corpo e minha mente entram num estado em que eu não me afeto. Eu durmo bem, acordo disposto. Banalização mesmo da morte. Agora, quando volta para casa é que geralmente vem o baque. Lembro disso claramente. Uma vez voltei da Líbia, e no mesmo dia fui para um boteco na Vila Madalena em São Paulo, e aí caiu a ficha. Todo mundo rindo alto, tomando chopp, pedindo carne na chapa, e escutei uma conversa em que uma pessoa disse que não aguentava mais a vida dela, que estava um inferno. E eu pensando em como as pessoas não tem noção do mundo, vivem uma vida privilegiada e não se dão conta. Fiquei bem deprimido por uns dias. Mas nunca passou disso”, explica.

3.12 Decisão de ir à guerra

Apesar de todos os riscos já mencionados no decorrer desta monografia, a decisão de ir à guerra sempre foi racional por parte dos entrevistados. No caso do Romoaldo foi inclusive ele quem procurou o veículo se disponibilizando para ir ao conflito. “Gosto de aventura, adrenalina. Desde mais novo tive carro 4x4, já cobri vários *rallys* pelo mundo, que é bastante perigoso. Eu faço cobertura de outros assuntos, porque infelizmente não tenho como cobrir pautas conflituosas 24 horas por dia. E não considero o que eu faço um dever da profissão. É um prazer pelo desafio. Eu fiz todo o acordo com a Rede Católica de Rádio para ir ao Timor Leste sem que meus pais e meu filho soubessem. A minha família só ficou sabendo que eu estava na guerra quando um dia de manhã eu entrei ao vivo no Jornal Brasil Hoje em um bloco de 5 minutos. Eu sou assim”, afirma Souza.

Para Samy é uma escolha racional e irracional. “Querendo ou não você está se aproximando da morte. Tem coisas que te deixam mais perto do fim, e essa é uma delas. E eu estou ok com isso. Eu não faço pelo glamour, até porque eu acho que não tem glamour nenhum você vê mortos e ficar 5 dias sem tomar banho e escovar os dentes, sejam claros. E não faço pela adrenalina. Faço porque é a minha contribuição. Eu não sirvo para ser jogador de futebol, não tenho talento para a música. A única coisa que eu sei fazer é ser jornalista. Nada me deixa mais satisfeito do que ouvir alguém dizer que finalmente entendeu as situações de conflito ao ler a minha matéria. Eu trancado na redação ou no meio da guerra o salário no fim do mês é o mesmo”, afirma.

O jornalista Carlos Fino acredita que impulso foi o que o levou à primeira vez à guerra. “Se eu tivesse realmente pensado, talvez não teria ido. Se lembrar da família, dos riscos, você não vai. Na minha situação, a morte da minha mãe interferiu na minha decisão. Me deu sentimento de desprendimento da vida. Eu estava disponível para morrer. Não que eu quisesse morrer, mas tudo bem se acontecesse. O meu medo maior era perder um braço ou perna, como aconteceu com o Hamilton Ribeiro. Mas de resto, eu estava desencantado com tudo”, conta.

3.130 que leva jornalistas a cobrir guerra?

O repórter Carlos Fino aponta que existem perfis de jornalistas. “Dizem que os repórteres de guerra são os peregrinos sem fé, desiludidos. Mas no fundo, todos querem a mesma coisa, celebridade, realização profissional, querem se testar, até que ponto conseguem ser heróis, até onde vai a coragem”, ele afirma. Carlos ainda acredita estar vivo por sorte. “Quando sofri o atentado no hotel em Bagdá, que atingiu o décimo quinto e décimo sexto andares, eu estava no décimo sétimo. Faltou um milímetro de posicionamento do canhão para atingir onde eu estava. Só estou vivo por acaso. E por mim, tudo estava bem. Superei normalmente. E isso é importante em um correspondente de guerra”.

Para quem nasceu para ser jornalista, como o correspondente no Irã Samy Adghirni, as atrocidades da guerra, que geralmente assustam os novatos nessa

atividade, fazem parte da apuração. “Um braço jogado no meio da rua pode ser informação. Eu consigo identificar o braço? Está usando relógio? O braço está queimando? Se eu estou na Líbia e é um braço de uma pessoa negra, posso tentar descobrir se este é um dos africanos que o Muammar Kadafi está usando para combater os rebeldes, e assim vai, tudo é matéria. E isso ajuda a desfocar o medo”, afirma.

Da mesma forma, existem os correspondentes que gostariam de estar na guerra o tempo inteiro. É como se sente o radialista Romoaldo de Souza. “Eu carrego comigo equipamento e bateria suficientes para ficar 2h ao vivo em uma rádio. Tenho passaporte e cartão de crédito ilimitado, prontos para me permitir embarcar a qualquer momento para qualquer lugar, inclusive para uma guerra. Se me chamarem, eu vou amanhã mesmo. Não tenho sentimentos e apegos onde estou”, declara.

Os motivos que levam cada jornalista a ir para a guerra, enfrentar situações de extremo risco, ficar dias sem se comunicar com a família, viver sob intenso estresse, tomar decisões que definem se vai continuar vivo ou não, vão muito além do que se possa explicar. As opiniões divergem, as histórias de vida também, assim como criações, valores, princípios e formas de ver a vida.

As razões profundas que motivam os correspondentes ou enviados especiais formam um conjugado de ideais. Existem os que não se abalam por situações de calamidade, como o Romoaldo de Souza. Existem os que não se permitem ficar abalados, como o Samy Adghirni. E existem os que não param para pensar muito sobre tudo isso, como o Carlos Fino. Assim como devem existir vários outros perfis de correspondentes.

Em sua maioria, os jornalistastrabalham com o propósito de levar informação,não importando até onde eles precisam ir para buscá-las. Os jornalistas vão para a guerra, primeiramente, porque querem. O veículo não impõe, a profissão não impõe, ninguém tem obrigação de fazer a cobertura de um conflito armado. A oportunidade também brilha aos olhos dos que sempre gostaram de política internacional mesclada ao jornalismo. Conhecer outra cultura, contar histórias de

peessoas que não conseguem e não podem contar sozinhas a própria história, tudo isso é motivação para os jornalistas irem a guerra.

Os riscos estão presentes na zona de conflito, como estão em vários outros lugares. Se cada jornalista parasse para refletir o significado da profissão – buscar, confirmar e publicar a informação, sem se preocupar em se vai afetar alguém – muitos não fariam carreira no Jornalismo. Sobrariam para cobrir conflitos armados, ocupação da polícia em favela, desastre natural, apenas os que gostam de adrenalina e emoção forte. É importante, sim, analisar e ponderar os perigos nesses tipos de cobertura, mas para quem quer seguir esse gênero do jornalismo, pensar demais não é uma dica passada pelos experientes da área. Além disso, necessitamos de pessoas que estão dispostas a ir à guerra, e mais, pessoas que gostam de ir à guerra.

No contexto de guerra, com a ajuda do *fixer*, é possível que os correspondentes tracem locais que são mais seguros ou perigosos. Uma vida nunca vale uma pauta e um correspondente de guerra precisa saber disso. Há riscos desnecessários em que, por imprudência, repórteres se inserem para capturar a melhor foto ou fazer a melhor gravação. Pelos relatos dos entrevistados, é possível sim, em uma guerra, fazer uma cobertura de certa forma protegida. Como isso não é regra, existem incidentes, tragédias e imprevistos que podem resultar em uma apuração sem volta. Estar na guerra é uma forma de se aproximar desses acontecimentos. Por outro lado, existem maneiras de deixar o jornalista mais integrado com o que ele vai enfrentar. Preparo, físico e intelectual, é uma das formas de deixar o jornalista em melhor condição de produzir essa pauta. Dos três entrevistados, nenhum se preparou, mas todos sentiram falta de alguns avisos. Eles precisaram aprender na prática, e por fim deu certo. Mas não é o que eles consideram ideal.

De forma que possamos enumerar as principais razões que motivaram os três jornalistas deste estudo exploratório a engrenar a carreira como correspondente ou enviado especial de conflito, podemos citar que eles vão porque a) querem, (b) alguém precisa ir, c) não pensam demais em relação a isso, d) gostam e sentem

prazer ao trabalhar e, finalmente, e) porque é a contribuição deles para a profissão e para a sociedade.

Os riscos existem, as estatísticas apontam números que assustam, mas o perfil de cada jornalista precisa ser levado em conta em cada um desses relatos. Imprudência, muitas vezes, é o que empurra o correspondente para o fim. Com sabedoria, noção de limite, preparação e experiência, os repórteres de guerra estão aptos a fazer coberturas que podem ajudar milhares de pessoas, seja contando suas histórias ou simplesmente externando um problema que afeta tantas vidas. O importante é que essas pessoas continuem com o sentimento de que estão fazendo o papel delas, para que sempre tenhamos jornalistas dispostos a fazer coberturas cada vez melhores de guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos motivos da escolha do tema “O que leva jornalistas a cobrir guerra?”foia dificuldade de entender o que se passava na cabeça dos jornalistas quando estavam com a passagem aérea em mãos para ir a uma guerra. Cogitava-se que eram impulsivos, que gostavam de muita adrenalina e que tinham alguns princípios suicidas. Eles vão à guerra porque é o que eles fazem. Porque é o que os diferencia. Porque é a contribuição deles. E da mesma forma existem profissionais que se dedicam a desarmar bomba, existem atletas de esportes radicais e existem bombeiros que entram em um prédio pegando fogo. De uma forma ou de outra, essa é uma escolha deles, e eles são felizes por isso.

Quando o tema deste trabalho era apenas uma ideia, inicialmente criou-se um medo de não conseguir contatar os correspondentes de guerra. Entretanto, na primeira tentativa, Carlos, Romoaldo e Samy logo se disponibilizaram para ajudar. Assim foi possível desenvolver esta pesquisa. Depois, a dificuldade era de encontrar subsídios para os capítulos, já que as publicações sobre os jornalistas na guerra são pouquíssimas. Mas, a principal surpresa deste trabalho, foi a minha reação ao longo do processo. Comecei sem entender a cabeça dos repórteres de guerra, e hoje, avalio que posso querer fazer parte do clube deles. Talvez no fundo eu já soubesse disso.

A metodologia escolhida para o trabalho foi a ideal. Não é indicado que se utilizem outros métodos para estudo exploratório. As questões precisam ser abertas, possibilitando que o entrevistado acrescente novas informações ao pesquisador. Por meio dessa plataforma pudemos descobrir sobre o *fixer* – pessoa local que ajuda os correspondentes de guerra. Se fossem perguntas fechadas isso não teria sido possível, uma vez que o conceito era desconhecido.

Os objetivos do trabalho foram cumpridos, as lições aprendidas e as experiências compartilhadas. Os três repórteres entrevistados foram atenciosos e permitiram que esta pesquisa seguisse adiante. Para futuras pesquisas seria interessante entrevistar uma correspondente de guerra mulher, uma vez que há possibilidade de trazer novas perspectivas. Em relação ao conteúdo é possível

aprofundar as questões dos jornalistas, acompanhar a experiência de algum repórter que está indo pela primeira vez à guerra e abranger o trabalho a correspondentes estrangeiros que não tenham português como língua oficial. Para uma pesquisa ainda mais específica, seria relevante conversar com jornalistas que só foram uma vez à guerra e nunca mais fizeram esse tipo de cobertura, e também entrevistar colegas de trabalho de jornalistas que sofreram um acidente ou morreram durante uma pauta na guerra.

Este é um tema que ainda deve ser muito explorado, não só por toda a temática envolta – guerra, morte, conflito, países, impacto no mundo, mas também pela atuação dos jornalistas. Essa não é uma pauta que pode ser dada para qualquer repórter. É importante destacar que no jornalismo as pessoas têm perfis diferentes, especialidade diferentes, e graças a isso, a profissão abrange todos os segmentos que precisam ser noticiados no dia a dia do mundo.

REFERÊNCIAS

APOIO ESCOLAR, Uol. *Profissão: Correspondente de Guerra*. Disponível em: <<http://clickeaprenda.uol.com.br/portal/mostrarConteudo.php?idPagina=2702>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

ARAÚJO, Helosa. *Fotógrafo da vez: João Silva*, 2012. Disponível em: <<http://www.resumofotografico.com/2012/01/fotografo-da-vez-joao-silva.html>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

COMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. *Armed Conflict*, 2014. Disponível em: <<https://www.cpj.org/reports/2012/04/armed-conflict.php>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

DE FREITAS, Eduardo. *Globalização*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/globalizacao.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

ESTADÃO INTERNACIONAL. *Conflito Sírio tem 30 jornalistas mortos e 52 desaparecidos*, 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,conflito-sirio-tem-30-jornalistas-desaparecidos-e-52-mortos,1094941,0.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

FRANCE PRESSE. *Dois jornalistas são sequestrados, baleados e espancados na Síria*, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2014/05/dois-jornalistas-sao-sequestrados-baleados-e-espancados-na-siria.html>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

GLOBO. *Frases de autores: Humberto Eco*. Disponível em: <<http://frases.globo.com/umberto-eco/20871>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

HUDEC, Vladimir. *O que é o jornalismo? Essência, característica, funções sociais e princípios do seu desenvolvimento*. Lisboa: Caminho, 2. ed., 1981.

MATTOS, Sérgio. *A Segunda Guerra Mundial*. Disponível em: <http://www.sergiomattos.com.br/liv_crimeia05.html>. Acesso em: 2 mar. 2014.

MATTOS, Sérgio. *Da Criméia à Primeira Guerra*. Disponível em: <http://www.sergiomattos.com.br/liv_crimeia03.html>. Acesso em: 20 fev. 2014.

PORTAL DOS JORNALISTAS. *Perfil: Hamilton Ribeiro*, 2012. Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=10917>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

PORTAL VICE NEWS. *WAR*, 2014. Disponível em: <<https://news.vice.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2006.

SANTIAGO, Emerson. *Indústria Bélica*, 2012. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/industria-belica/>>. Acesso em 2 abr 2014.

SANTIAGO, Emerson. *Período entre guerras*, 2012. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/periodo-entre-guerras/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

ULTIMA INSTÂNCIA. *Cobertura jornalística de conflitos armados: aspectos psicológicos*, 2011. Disponível em: <http://ultimainstancia.uol.com.br/conteudo/artigos/52107/cobertura+jornalistica+de+c onflitos+armados+aspectos+psicologicos+e+juridicos.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ULTIMO SEGUNDO IG. *Jornalistas ocidentais são mortos em Homs, na Síria*, 2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/jornalistas-ocidentais-sao-mortos-em-homs-na-siria/n1597647701577.html>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

VICE NEWS. *Vinte anos em zonas de guerra com Jack Picone*, 2014. Disponível em: <http://www.vice.com/pt_br/read/20-years-in-war-zones-with-jack-picone>. Acesso em: 4 abr. 2014.

WARS IN THE WORLD. *List Ongoing Conflicts*, 2014. Disponível em: <<https://www.cpj.org/reports/2012/04/armed-conflict.php>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

WIKIPÉDIA. *Notáveis Correspondentes de Guerra*, 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Correspondente_de_guerra>. Acesso em 28 abr. 2014.

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista semiestruturada:

- 1) Nome completo, naturalidade, idade, estado civil (atualmente), filhos;
- 2) Idade, estado civil (e se tinha filhos) quando foi pela primeira vez a guerra;
- 3) Desde que era jornalista, queria ser correspondente de guerra?
- 4) Como surgiu a oportunidade de cobrir guerra? Em qual veículo trabalhava? Quando foi para a guerra? Onde? Quanto tempo ficou lá?
- 5) Como avaliou a questão dos riscos e a oportunidade de cobrir um fato que gera tanta visibilidade? Levou quanto tempo para decidir se iria? Como foi esse processo de prós e contras de ir à guerra?
- 6) O quanto é necessária à presença do jornalista na guerra? Qual a diferença entre estar lá e não estar? Qual a importância do jornalista na guerra?
- 7) Você acredita é um dever do jornalista ir para a guerra, porque a profissão diz que deve ir? Se sim, acredita que ao longo dos anos esse dever permanece?
- 8) Depois da decisão de ir à guerra, qual foi a sua preparação? Naquele momento, você acreditava que precisava do que? Durante o conflito, essa preparação se mostrou adequada? Ainda sobre a preparação, sentiu falta de aprender ou conhecer alguma coisa?
- 9) Antes de ir à guerra, como você imaginava que seria a sua atuação? E o que de fato aconteceu lá? A percepção mudou? Foi “melhor” ou “pior”?
- 10) Durante a guerra, você enfrentou alguma restrição quanto a sua atuação? Quais? Havia lugares em que você não poderia estar?
- 11) Durante ou depois da sua atuação na guerra, houve sequelas físicas, psicológicas ou emocionais? Se sim, quais e por quê? Se não, por quê? Fez algum tipo de acompanhamento?
- 12) Considerando todos os fatores, você iria novamente à guerra? Ou depois de já ter ido algumas vezes, continuou considerando como um ato racional e indispensável à profissão?